**Adolescentes nos meios digitais e seus novos laços**

**1. Adolescência e puberdade**

Sem que visássemos, nossa pesquisa inverteu, de certa forma, os termos da convocatória do Encontro, sob a forma de uma pergunta acerca da necessidade das imagens onipresentes. Isto é, a partir de *O império das imagens*, a necessidade imperiosa das imagens que os meios digitais fornecem –em suas diversas formas-, à vida dos adolescentes.

O termo *imperioso* conduz ao terreno da urgência e a “não parar”: aquilo com que esbarramos na hora de corroborar o modo em que se impõe o consumo da tecnologia entre os jovens “usuários”, tal e como são denominados nas numerosas pesquisas que o mercado realiza sobre o tema.

Durante a puberdade e desde a perspectiva do *falasser*, “o corpo falante” adquire especial relevância. A adolescência, como correlação sintomática da puberdade, é o momento no qual se testam os recursos para afrontar o real da não relação sexual. E, também, um modo de sustentar um vínculo social sobre esta existência.

Não é, acaso, neste tempo, quando esta dimensão de desencontro fundamental entre os sexos é claramente colocada em evidência de uma forma inédita? Tempo no qual o que se apresenta do gozo fálico, com seu caráter de fora do corpo, não encontra a sua imagem no espelho.

Essa hiância é a que Lacan chamou Fase do espelho: “deiscência”, “prematuridade”, indicando com esse nome o exílio da humana, a respeito de qualquer representação que capturasse o gozo.

Como foi possível que as palavras, o corpo e a imagem do próprio corpo se amarrassem durante os primeiros meses de vida? Que Outro foi possível construir para significar a entrada do Um fálico? Existe ou não uma ficção edipiana da qual o sujeito conseguiu se valer?

Será a partir do resultado dessas operações, em que o acaso entra em jogo, que cada um contará com diferentes recursos para confrontar a si mesmo com o pulsional durante a puberdade, sendo a adolescência esse tempo de ensaio de respostas que colocará em tensão essas tramas, respostas sempre sintomáticas e singulares, que servirão como base possível ou não para o encontro sexual. Entendendo que, “se isso fracassa, é para cada um” [[1]](#footnote-1).

**2. Os ensinamentos da passagem**

Para tentar localizar a confrontação estrutural que a puberdade implica e seus efeitos nas respostas sintomáticas singulares, vamos nos servir de alguns fragmentos dos depoimentos da passagem. Numa das noites em que preparávamos o Enapol, no último dia 3 de junho, uma frase de Beatriz Udenio (AE), integrante do nosso grupo de pesquisa, permitiu enquadrar a leitura dos depoimentos na nossa pesquisa: “O contexto muda, mas culmina no fato de que o estrutural se repete, cunhando um impossível (real) de capturar com alguma garantia”.

Vimos, em princípio, como, em seu caso, a primeira resposta durante puberdade foi “não vai acontecer comigo”, com relação à menarca; mais tarde, quando isto ocorre, reata: “eu nadava entre a decepção e a incomodidade” [[2]](#footnote-2).

“O corpo se encontrava congelado nesse ser a imagem bibelô - falo materno. Um corpo oferecido para a contemplação, sob o olhar do Outro. Somente as cosquinhas provocadas pela mãe o sacudiam, de vez em quando, entre uma mistura de extasiado horror deixando a menina quase à beira de uma urgente asfixia –que faria marca de acontecimento de gozo. O corpo, ali, contorcionava-se numa mistura de prazer e espanto, causando minha estranheza.” [[3]](#footnote-3)

A resposta se repete quando perante a “aquele cara que me interessou” [[4]](#footnote-4) e, após o primeiro encontro romântico foge, fazendo de conta que nada tivesse acontecido, sem falar sobre isso, pois “se não falo nisso, não aconteceu” [[5]](#footnote-5). Não se tratava, então, de ocultar, mas de começar a observar aquilo que é da ordem do indizível, já que, devido a sua estrutura, aquilo que aconteça será um encontro falido. ”[[6]](#footnote-6). Rejeitar esse encontro a mantinha no sonho “da exceção de um corpo que queria ser não marcado pela castração”.

É assim como Beatriz nomeará, em seu depoimento, a forma que sua solução sintomática ganha nesse momento: “Meu refúgio era o en-canto. Uma imagem amável, sorridente, que agradava e, ao mesmo tempo, mantinha-se estática e na distância. É olhada, é escutada e não é tocada” [[7]](#footnote-7).

Do depoimento de Graciela Brodsky resgatamos a forma em que a puberdade introduz um segundo tempo –uma segunda versão do mito da sua origem- para localizar a sua incidência no sintoma e a forma de se articular com o parceiro. Uma primeira versão infantil montada em torno da surdez da mãe, razão pela qual não se aconselha gravidez. A partir dessa primeira versão são recortados significantes como “filha única” e a exigência de se fazer ouvir.

Uma segunda versão corresponde à adolescência “Chegada à adolescência, e sendo bastante solicitada pelo sexo oposto, minha mãe, para me ajudar a escolher bem, decide me alertar sobre os homens. Não sobre suas más intenções, como indicava o costume, mas sobre a impotência. Para isso ela me contou que o desejo do meu pai por ela foi bastante fraco, que ele tinha lhe sido infiel, e que ela o teria ameaçado com divulgar entre a família materna a verdade sobre seu pobre desempenho se ele não interrompesse suas aventuras. E eis aqui que, xi, ela engravida. E eu é que chego, sem pecado concebida –segundo a versão materna. Como prova e garantia da potência paterna, testemunho vivo, memorial de que, pelo menos uma única vez, o negócio tinha dado certo.” [[8]](#footnote-8).

A partir dessas duas versões, uma infantil e outra que chegou durante a adolescência, constrói-se o modo sintomático de lidar com o parceiro: “à exigência de ser a única acrescenta-se a de ser garantia da potência do Outro, de mantê-lo acordado, vivo, interessado, entusiasmado e a de me fazer ouvir.” [[9]](#footnote-9)

Do depoimento de Rômulo Ferreira da Silva [[10]](#footnote-10) recortamos o efeito que o encontro com as mulheres durante a puberdade sobre o seu modo infantil de encarnar o “salvador”.

Seu nascimento, devido à doença obstétrica da sua mãe e à palavra do médico que vaticinou que, se o bebê sobrevivesse, ela se curaria, fez com que ele fosse considerado um “salvador”.

Aos treze anos, após o primeiro encontro sexual, sua resposta sobre o que seria ser um homem definido a partir da satisfação de uma mulher é reformulada: “se ela gozou, então sou homem”. [[11]](#footnote-11)

O falecimento de seu avô ocorreu nesse momento da sua vida, seu pai não parecia ser capaz de suprir essa ausência para sua mulher. “Ele não sabia satisfazê-la. Ao mesmo tempo, eu sabia que era ele quem a procurava sexualmente. Portanto, concluí: existia outra satisfação em jogo. Pretendi ser o homem que fazia falta às mulheres. Uma exceção. Tentei ser o homem que as compreendesse, que as salvasse.” [[12]](#footnote-12) Ser “o salvador”, como marca infantil no mito da sua origem, toma forma durante o momento da puberdade; Assim como a versão infantil havia sido ser o “salvador” da sua mãe, no encontro sexual com uma mulher se erige como “salvador” das mulheres para que elas alcancem o gozo sexual que existiria se houvesse uma relação sexual. Entendemos que esta é uma resposta, um arranjo durante a puberdade frente ao indizível do sexo.

**3. O contexto muda**

O mundo digital é um universo de ofertas com diferentes formatos: redes sociais (com suas variantes a cada vez mais instantâneas, como Twitter ou Instagram), jogos *on line*, sites de relacionamento para encontrar parceiros (como Tinder, Grinder ou Menhunt para combinar um encontro rápido), aplicações, blogs e redes para se conectar com outros, que se combinam com outros recursos, como Google, onde, em muitos casos, o que se procura é informação e referências que deslocam a direção para os adultos. De fato, se para cada geração foi necessária a procura de referências por fora do âmbito das famílias, para fazer com que haja uma relação sexual que não existe, essa tentativa hoje é possível a partir de um “clique” e sem a passagem pelo Outro. Uma “autoerótica do saber” [[13]](#footnote-13), que tem e terá consequências na construção do saber e do laço, assim como é possível corroborar a forma em que, em muitos casos, a chegada à consulta e à instalação da transferência é dificultada; desafio para os analistas oferecerem um espaço de palavras e encontros quando *são as imagens as que imperam*.

Nascidos e criados na era das novas tecnologias, os adolescentes proporcionam mostras cotidianas da atividade incessante das redes sociais. As falas no consultório são matizadas por essa nova linguagem, abreviada, imperativa, na qual se misturam imagens, palavras e certos sinais sonoros que alertam sobre a chegada de uma nova mensagem, uma notificação do Facebook ou um bate-papo do Whatsapp. Algo nunca se detém. Um efeito que constatamos e localizamos no lugar do “novo”, o tempo se torna infinito e imprime, nos relacionamentos, uma forma de estar juntos o tempo todo, *on line*, através da tela. Por exemplo, um adolescente diz que chega à entrevista chateado: “*Há dois dias que minha namorada e eu discutimos*”; porém, isso acontece a través do bate-papo. Onde “*Falar*” significa escrever através do bate-papo da internet, portanto, o corpo se resta, e combinar encontros reais com outros é cada vez mais difícil.

Ao mesmo tempo, e não sem variadas “conversações” no meio, repentinamente: “Já foi” e algo consegue ser resolvido de uma forma vertiginosa. Assim o expressam ao relatar a tomada de decisões que compreendem, em alguns caos, sérios riscos. Essa mesma rapidez é expressa também no modo em que se instalam e caem as figuras de referência (como acontece, por exemplo, no caso dos Youtubers).

Arranjos precários e desarranjos decorridos em pura ação são uma constante na consulta: violências, consumos, marcas no corpo, magrezas extremas mostradas entre outras. Outro paradoxo da época na qual tudo aparece, as “próteses do olho se multiplicam” e, sem embargo, ocorre “estreitamento no campo de visão”: “Quanto mais se olha, menos se vê”. [[14]](#footnote-14)

Embora em alguns casos seja empuxo a ações que ainda não possuem uma significação para si mesmos, se nos determinarmos a ouvir, no uso das redes podemos localizar uma série de argumentações e detalhes que apenas quando ocorre o encontro com o analista começam a ter lugar.

Mesmo que tudo pareça estar colocado no registro da pura ação ou da abulia mais contundente, algo se desliza sutilmente, não sem o desejo do analista em jogo, e uma brincadeira, um equívoco, uma angústia ou um sonho fazem surgir algo enigmático, que o analista recorta e permite começar a se implicar.

É a via do *sinthome* aberta por Lacan no seu último ensinamento; a via do gozo, e que implica uma orientação que vai além do pai; isto é, via de um gozo que não se extingue, e do acontecimento do corpo, “da percussão num corpo pelo significante”, e seu correlato de repetição. De fato, para que a psicanálise não seja juma tela a mais destinada a cair em desuso, será necessário incidir no real.

Nessa mesma linha, J. C. Indart nos proporcionou a bússola para continuar com a nossa pesquisa: “O que é decisivo é de que forma uma palavra pode induzir, num corpo, outro gozo que é o gozo amarrado à repetição”. [[15]](#footnote-15)

**4. O encontro com o analista**

a) Ataques de raiva

Um jovem de 20 anos consulta por aquilo que denomina “seus ataques”: quebrar coisas, gritar e comportamento violento contra outros; que o posicionam mal frente à sua família. Desde muito cedo, rejeita as referências paternas; situação que se agudiza aos treze anos, a partir da separação dos seus pais. Aficionado ao anime e aos jogos eletrônicos, não consegue se organizar para estudar e, devido a isso, teme abandonar o curso de “composição musical”, assim como aconteceu com outras atividades que iniciou antigamente. Por outro lado, sua procura incessante por dietas vegetarianas na Internet se conjuga com as rotinas estritas da academia: realiza as duas atividades para “adquirir força” e “ter um corpo armado”. De fato, a estética é muito importante para ele: é rigoroso e consegue resultados eficientemente. Pode realizar essas atividades acompanhado de sua namorada, que acaba se tornando necessária, segundo ele indica: “é importante para mim que ela participe e leve a sério”. Porém, como não é “a sua carreira”, para ele essa atividade ocupa o mesmo lugar que os jogos e, portanto, mais tarde se censura: “deveria estudar”.

b) Fibromialgia

Um adolescente de dezessete anos foi diagnosticado com fibromialgia por padecer dores intermitentes em diferentes partes do corpo. Por indicação médica, toma uma quantidade significativa de medicamentos; porém, tirou várias placas, realizou várias tomografias, biópsias e outros estudos, e a causa orgânica não se verifica. Até os doze anos, batia nos seus colegas da pré-escola e do ensino fundamental, o que gerava inumeráveis conflitos. A pacificação dessa conduta foi alcançada quatro anos depois; mas desde esse momento não consegue se integrar aos grupos de pares e não tem nenhuma amiga. Atualmente, a maior parte do tempo está trancado na casa dos pais, dormindo ou no computador, praticando jogos *on line*. Não usa redes sociais. Entra em contato com um grupo de amigos virtuais através do Skype enquanto joga; nesses momentos, a dor do corpo todo desaparece.

Nesses dois casos, o recurso da internet é fundamental para amarrar aquilo do corpo que aparece como perturbador. No primeiro caso, embora a relação com os ideais paternos estivesse ausente, já cedo o jovem conseguiu construir alguns laços e o interesse pelas imagens dos anime, que têm um lugar fundamental na vida dele. Os desenhos e as suas tramas são a sua referência: corpos desenhados, perfeitos e com força. Os estudos universitários confrontam-no a um estado de impossibilidade; e é ali onde perde essas referências. Deve compor melodias inéditas e estudar sozinho, mas fracassa e, sem conseguir se concentrar, enfrenta o seu pai. O trabalho da análise o conduz a tomar o caminho das suas referências: nomeia-se a si mesmo “vegano” e começa a introduzir as rotinas na composição, para depois deixar a música como algo de que gosta e começar a pensar um futuro laboral em torno dos bons resultados que obtém com as dietas veganas e a musculação. No segundo caso, é o nome da fibromialgia e a internet o que permite ao paciente que aquilo doloroso de um gozo deslocado cesse para poder se sustentar na vida. Embora a demanda do Outro familiar fosse de abertura ao laço social e que seja “normal”, a aposta do analista foi implicar o jovem em suas dores para que deixasse de oferecer seu corpo aos inúmeros estudos aos quais era sometido; isto é: frear a demanda do Outro familiar e os estragos das intervenções médicas sobre o corpo. Também limitar o uso de medicação quando as causas orgânicas não haviam sido verificadas (como acontece na fibromialgia em geral). Neste caso, jogar *on line* no computador foi/acabou sendo o único remédio frente às dores no corpo todo. Jogo e câmera no meio podem sustentar conversas com outros “amigos virtuais”, parecem montar a base que possibilita falar com outros e fazer com que as dores cessem.

c) Cortes

Uma adolescente de doze anos chega trazida pelos pais porque –instada por suas amigas-, contou-lhes que provoca vômitos e corta seus braços e suas pernas, há um ano. Outras fazem o mesmo e ela sabe disso, as escuta, mas não sabe como ajudá-las. Vê-se deformada frente ao espelho; sabe que não é assim, mas é assim como se vê a si mesma e sente dor. Manifesta: “sinto vontade de me cortar”. Também dorme mal, abandonou a ginástica olímpica, não fala nem com a irmã nem com os pais e se isola no seu quarto. Sobe fotos a foros, pergunta como a veem e recebe respostas que, longe de acalmá-la, afirmam que é “deforme”. Pois bem, isso começou quando o primeiro garoto com quem namorou terminou com ela (“cortou” o relacionamento).

d) Vômito

Uma adolescente de dezesseis anos participa assiduamente em sites da internet onde são compartilhadas informações e dicas sobre anorexia a bulimia. Utiliza uma linguagem específica e em código para baixar de peso, enganar os seus pais em relação à alimentação ou se unir na autoajuda quando alguma está com problemas. Interessa-se pela transmissão de técnicas de cortes no corpo e nos modos de vomitar; também pelo feminismo e os estudos de gênero, que inclui na sua “navegação” permanente na internet. Nas sessões exibe uma sintomatologia anoréxico-bulímica em torno do controle do peso e da contagem das calorias, mas como ela mesma indica: “tudo está organizado em torno do vômito”. Não consegue manter nenhum plano alimentar: atola-se e vomita diariamente; inclusive come para poder vomitar. Com relação a isso diz: “o vômito é como um vício, mas me faz sentir bem”.

Os sites da internet, ainda que compartilhem a mesma temática, são usados de diferente forma por estas duas adolescentes. Para a primeira, constituem uma tentativa de reestabelecer algo dos contornos imaginários perdidos durante o desnudamento produzido pela entrada do “feminino”. O corpo se sustentava nas rotinas da ginástica olímpica. Uma amarração frágil, que não lhe permite mais do que uma resposta literal: ele “corta”, ela “se corta”. O vômito é uma tentativa de expulsar algo; repetitivamente, do insuportável que se torna o feminino. Quando esse circuito se esgota, continua o corte. Nesse caso o trabalho da análise lhe permite encontrar a forma de não repetir o “se fazer rejeitar” por garotos com os quais namora. O amor, as brigas com a mãe, o trabalho excessivo do pai, seus amigos são os temas recortados nas sessões. A decisão do analista é a de não interrogar nem dar sentido aos vômitos e os cortes. Relata, zangada, que seu amigo “é um bruto” através do bate-papo sentencia: “Não quero mais te ver, me faz mal o que você faz”. Conta que a partir desse momento parou de se cortar. Assim, ela pôde terminar, pela primeira vez, um relacionamento que não a satisfazia e também retomar novos laços de amizade com garotos. Inclusive, começa a se interessar em “como as outras fazem com isso”, sendo capaz de se nomear “sensível” e deixando cair o “deforme” que a atormentava. No segundo caso, o vômito é um *sinthome* que o recurso digital sustenta. O vômito, com seu caráter viciante –como ela o nomeia- lhe permite ter um corpo, e a rede da internet lhe fornece uma língua própria que a leva a se conectar com outros. Ela se denomina feminista e “sapatão”, referindo-se à sua condição sexual; porém, trata-se não de uma escolha sexual (como em muitos casos atuais), mas de uma sexualidade não orientada pelo falo.

Nestes casos, o tema se centra na internet e nas redes sociais como a referência que falta ou fracassa, e é o recurso digital aquilo que oficia de meio para a construção e invenção de uma nova referência que, embora não possamos dizer que forma laços em termos de discurso, trata-se sim da escrita; isto é, de algo que consegue se escrever fazendo uso da tela e que começa a ter um efeito pacificador para o corpo. ¿Como tolerar essa alteridade por excelência que é o corpo, numa época do *Outro que não existe* e do virtual que se torna onipresente?

**5. Para concluir**

Tomaremos uma frase de Lacan que enquadra o espírito da nossa pesquisa: “Não somos daqueles que nos afligimos frente a um suposto relaxamento do vínculo social”. [[16]](#footnote-16) Frase absolutamente atual para abordar os temas da era digital que encontramos em *Os complexos familiares*, texto de 1938 no qual já se anunciava a declinação social da imago paterna. Não se trata de dos afligirmos, mas de estar à altura de responder às novas formas em que isto se sintomatiza.

María Marciani

Integrantes del grupo de pesquisa: María del Carmen Arias, Alejandra Breglia, Graciela Chester, Marcela Errecondo, Rolando Gianzone, Paola Gutkouwski, Juan Pablo Mollo, Cecilia Rubinetti, Daniel Senderey, Silvia Vogel, Virginia Thedy, Laura Salvarezza, Beatriz Udenio.

1. Lacan, Jacques “Prefacio a el despertar de la primavera” Otros Escritos, Buenos Aires, Paidós, 2012, pag 587. [↑](#footnote-ref-1)
2. Udenio, Beatriz, “Segundo testimonio” Jornadas anuales de la EOL – Bordes de lo femenino Noviembre de 2014, inédito. [↑](#footnote-ref-2)
3. Ibid. [↑](#footnote-ref-3)
4. Ibid. [↑](#footnote-ref-4)
5. Ibid. [↑](#footnote-ref-5)
6. Ibid. [↑](#footnote-ref-6)
7. Ibid. [↑](#footnote-ref-7)
8. Brodsky, Graciela “Partenaires” Revista Lacaniana N 13, Buenos Aires, 2012 [↑](#footnote-ref-8)
9. Ibid. [↑](#footnote-ref-9)
10. Rómulo Ferreira da Silva, Pase en Buenos Aires 2 – Revista Lacaniana número 14, Buenos Aires 2013. [↑](#footnote-ref-10)
11. Ibid. [↑](#footnote-ref-11)
12. Ibid. [↑](#footnote-ref-12)
13. Miller, Jaques Alain, “En dirección a la Adolescencia” Texto preparatorio de orientación para la 4ta Jornada de Instituto del Niño. Paris. 21/03/2015. Inédito. [↑](#footnote-ref-13)
14. Brousse, Marie Helene, “Entrevista a Gèrard Wajcman” Revista Consecuencias, edición digital, junio 2011. [↑](#footnote-ref-14)
15. Indart, Juan Carlos, “Puntuaciones y perspectivas”, VI Jornada Internacional del CIEN, Cuaderno 7, Buenos Aires 2014, pag 33. [↑](#footnote-ref-15)
16. Lacan, Jaques, Los complejos familiares en la formación del individuo, Otros Escritos, Buenos Aires, Paidós, 2012, pag 33 [↑](#footnote-ref-16)